

Lúcio Alcântara
(Organizador)

**São Gonçalo do
Amarante e o Padre
Antonio Vieira**



EDITORA LABIRINTO



LÚCIO ALCÂNTARA
(Organizador)

SÃO GONÇALO
DO AMARANTE
E O PADRE
ANTONIO VIEIRA

Fortaleza - 2008

EDITORA LABIRINTO



INTRODUÇÃO

Lúcio Alcântara

Cresci ouvindo nas festas do padroeiro, na pequenina São Gonçalo do Amarante, vozes familiares entoando, fervorosas, os versos do hino em louvor do Santo. “Estrofes a São Gonçalo / Do céu sublime tesouro / Cantemos em versos d’ouro...” Trechos do hino que escutava minha mãe cantar com entusiasmo por ocasião das novenas, a que, devotada, assistia. Devoção que guardou toda vida e que a fez dar-me seu nome, garantia de proteção que não me faltasse na vida. Só muito mais tarde, indo a Portugal, ocorreu-me, por sugestão dela, ir a Amarante, lá no norte, próximo ao Porto, onde o Santo pontificou, fez prodígios e ganhou lugar na história e na igreja.

Foi quando comecei a conhecê-lo, e buscar resposta à pergunta: quem é São Gonçalo? Com efeito, há muito de desconhecimento e imprecisão sobre sua vida, iniciada em Arriconha, Tagilde, cerca do ano de 1200, e interrompida em Amarante, entre 1259/1262. Embora exista documento que registre seu culto, datado de 1279, há um longo período de silêncio sobre sua biografia, só quebrado em 1513, no “Flos Sanctorum” e em “Notícias Mais Concretas Sobre os Santos Extravagantes”. Se há referências anteriores, não foram encontradas, provavelmente desaparecidas com a destruição dos bens da igreja em decorrência dos surtos liberais, ou acidentes da natureza, tal o terremoto de Lisboa.

O que se sabe é que foi pároco em S. Paio de Vizela, tendo daí se afastado para peregrinar na Terra Santa por 14 anos, procurando na fonte a inspiração para sua carreira de pregador. Ao retornar, o sobrinho que o substituíra nega-se a devolver a paróquia, antes o expulsa dali. Inicia então vida de eremita, pregando a palavra de Deus como um asceta pelo norte de Portugal, até se fixar em uma pequena ermida à margem do Tâmega. Com sua pregação popular atraiu

Coordenação Editorial
Manoel Timbó

Capa
Sérgio Lima

Projeto Gráfico e Editoração
Henrique Viudez

Atualização do Texto
Natália de Lima Rocha

Fotografias
Sheila Oliveira

Pesquisa Bibliográfica
Maria Lígia Vidal Fontenele

São Gonçalo do Amarante e o Padre Antonio Vieira /
Lúcio Gonçalo de Alcântara, organizador. – Fortaleza:
Labirinto, 2008.
53p. : il.

I. Alcântara, Lúcio Gonçalo de. II. Padre Antonio Vieira – Sermão
de São Gonçalo do Amarante. III. Título.

que a dança fez parte por muito tempo das cerimônias religiosas, e que os padres abriram o Concílio de Trento com um minueto. A coreografia moderna dos padres católicos que aliciam multidões nada mais é que atualização de práticas seculares que, reprimidas, não desaparecem de todo. Prova do quanto o Santo era querido, desde os primórdios do Brasil, é a grande quantidade de lugares e acidentes geográficos batizados com seu nome aqui e em Portugal, bem como os numerosos templos a ele consagrados espalhados por toda parte. Do que foi, e realizou, fez-se sua iconografia e culto. Se não é mais tão reverenciado como já o foi, deve-se às circunstâncias das modas, as quais sequer os santos escapam. Há santos dos quais já não se ouve falar, e no entanto encheram santuários e mobilizaram multidões. Em Amarante, persistem nas festas de janeiro e junho romarias em visita ao convento dominicano e igreja anexa, belo conjunto iniciado em 1540, na qual se encontra imagem de São Gonçalo deitado sobre o que se imagina tenha sido seu túmulo na capela originária. Em partes do corpo, de tanto tocadas, a rocha está enegrecida e desgastada.

Biografia incerta e recuada produziria representações variadas. Às vezes jovem, chamado São Gonçalinho, ora portando uma viola, ou com um cajado e um livro na mão, sobre uma ponte, a lembrar sua obra material. Mais rara é sua imagem com chapéu de massa e viola. Dessa última encontrei imagens toscas, feitas de argila, muito coloridas, sob um arco de flores, comuns em Cuiabá, no estado de Mato Grosso.

Imaginária tão rica presta-se a enganos na identificação do Santo. Episódio curioso ocorreu em São Gonçalo do Amarante, aqui no Ceará, quando um pároco zeloso descobriu que o padroeiro local, há muitos anos venerado, representava-se por imagem postada no altar mor da Matriz que correspondia de fato a São Domingos. Desfeito o equívoco, que perturbou a comunidade católica, providenciou-se versão autêntica, esculpida em madeira, na cidade de Amarante, em Portugal, a qual, abençoada em missa solene, foi

romeiros em quantidade, não obstante a dificuldade que tinham para atravessar as águas revoltas do rio. Daí ter decidido construir uma ponte unindo as margens e que permaneceu em uso até 1763, quando desmoronou. Na sua construção trabalhou como operário, e consta que tocava viola e promovia festas nas quais entretia as moças para que não pecassem. Preocupava-se particularmente com as namoradeiras que se relacionavam com vários homens, as quais, cansadas, terminavam por ouvir seus conselhos. Diz-se que também dançava, impondo-se o sacrifício de fazê-lo sobre pregos que trazia nos sapatos.

Tornou-se conhecido como santo alegre e festeiro, protetor dos violeiros, casamenteiro das solteironas que o invocam em seu proveito. É o santo de maior devoção popular em Portugal, após Santo Antônio, de quem foi contemporâneo. O culto ao Santo floresceu sobretudo nos séculos XVI, XVII e XVIII. A dança em sua honra ocorria dentro das igrejas, com muita música e animação, em ritmo alucinante, com evoluções cheias de sensualidade. Logo o costume espalhou-se, tendo no Porto a dança, dentro da igreja, ficado conhecida como a festa das regateiras. Chegou ao Brasil com os colonizadores, resistindo à proibição da hierarquia católica, mantendo-se viva no sertão, onde ainda é praticada, sobretudo nas sedes das fazendas, em pagamento de promessas. Há registros da dança nos estados do Nordeste, em São Paulo e Minas Gerais. Horrificado com o espetáculo, Vasco Fernandes César de Menezes, conde de Sabugosa, a proibiu na Bahia conforme está no “Compêndio do Peregrino da América”, II, 114, de Nuno Marques Pereira. A dança era coibida no curso do processo de crescente romanização da igreja católica. O Padre Lopes Gama, escrevendo no “Carapuceiro”, jornal que se editava no Recife, condenava a liturgia dos adeptos do Santo, denominando-a “A devoção da patuscada”. Persiste como prova de resistência cultural a provimentos oficiais. O francês Tollenare, escrevendo no Recife em 1817, segundo Câmara Cascudo, justificava o ritual ao lembrar que Davi dançou diante da Arca,

pelo Papa em favor dos primeiros. Estudiosos que se debruçaram sobre o assunto nunca chegaram a pôr os olhos sobre os autos do processo. É mais uma passagem obscura na rica existência de nosso formidável personagem. Embora a polêmica não tenha cessado de todo, é com hábito dominicano que costuma ser representado em estampas e imagens.

Segundo o Padre Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha, em seu estudo “São Gonçalo, História ou Lenda”, deve-se ao Frei Luís de Sousa o relato mais importante sobre o Santo, e ao Frei Manuel Pereira aquela que seria conhecida como sua biografia oficial – “Breve ristretto della vita e miracoli di S. Consalvo d’Amaranta”, Roma: per il Tinassi, 1672. Mencionada obra, escrita logo após o Papa Clemente X editar a bula que estendeu a toda ordem dominicana o culto a São Gonçalo, consolidou a versão dominicana do seu ministério. Beatificado em 1561, nunca foi canonizado senão pelo povo.

Curioso observar que na minuciosa relação de 24 publicações arroladas pelo Padre Arlindo sobre a hagiografia de São Gonçalo não conste a dramatização em verso escrita por Antonio José, o Judeu, sobre a lenda em torno do Santo conforme circulava nos anos setecentos. Trata-se de uma peça teatral, nunca encenada, com o título “El Prodigio de Amarante”, referida pelo bibliófilo Diogo Barbosa Machado em sua “Bibliotheca Lusitana”. Referida peça viria a conhecer tradução portuguesa somente em 1977, após publicada na França, no ano de 1967, na versão do original, com estudo crítico de Claude-Henri Frêches. Especula-se o que teria levado o Judeu a abandonar temas clássicos para enveredar por assunto religioso de caráter popular. Logo ele que, com a família, padeceu nos cárceres da Inquisição, de que os dominicanos foram grandes expoentes. Admite-se que quisesse abrandar o coração dos frades, ou aproximar-se dos círculos oficiais do seu tempo.

A essas versões edificantes da vida do Santo, algo jocosas, impregnadas de tradição e folclore, viria se acrescentar, ao meu

trazida para lugar de direito.

É perante imagens como essas, guardadas nos oratórios das alcovas nas casas de fazenda, que se reúnem as pessoas para dançar agradecendo ao Santo a graça alcançada. Na ocasião entoam versos de letras variáveis, mas sempre com uma menção à procura de marido. A quadra, parte de versos rústicos ouvidos em Juazeiro, às margens do São Francisco, é um exemplo dessa busca que desespera as mais idosas.

*“Ó meu sinhô São Gonçalo
Casamentero das veia,
Por que num casaro as moças?
Que má lbe fizeram elas?”*

O mesmo Lopes Gama, que condenou a dança, por julgá-la profana, salvou do esquecimento estes versinhos:

*“Viva e reviva
São Gonçalinho,
dai-me, meu santo,
um bom maridinho!”*

*“Seja bonitinho
e queira-me bem;
Aquilo que é nosso
não dê a ninguém.”*

A mesma relação do Santo com a fecundidade e a reprodução expressa-se nas formas fálicas de pães e doces, comuns entre os romeiros nas datas das festas tradicionais em Amarante.

O grande prestígio que alcançou junto ao povo, aliado à imprecisão biográfica, alimentou uma disputa por sua filiação junto às prestigiosas ordens dos dominicanos e beneditinos, afinal arbitrada

volta do ano de 1250, para salvá-la da destruição quando de grande enchente, obrando milagre que atendia ao clamor das pessoas: São Gonçalo, acudi a vossa ponte. É desse tempo que ficou viva sua memória de construtor da ponte, violeiro, santo faceto, promotor de festas, símbolo da fertilidade, invocado em versos marotos que chegaram até nossos dias.

Na página de Vieira, aqui reproduzida, não há referência a esse aspecto lúdico do santo. Revelam-se os muitos milagres que obrou, amansando touros, removendo rochedos, falando aos peixes, jorrando água das pedras ao toque do seu bordão. Mas, como a água só matasse a sede, tocou do mesmo modo outra pedra, vertendo o vinho para alegrar os trabalhadores. Para evitar o abuso, só a abriu em horas certas; jorro contínuo só de água.

Vida tão prodigiosa fê-lo imortal, condição que segundo Vieira carrega no nome, Amarante, do grego. Considera-o, ainda, o grande jesuíta um pai de famílias muito vigilante a quem se socorrem com todas as demandas devotos disseminados por dilatadas extensões de terra.

Ao perorar, Vieira não falta ao dever de recomendar a imitação do Santo, cujas prédicas serviam à doutrina dos ouvintes. E o faz, não para persuadir os assistentes a serem pastores, ou peregrinos, ou ainda fazedores de milagres. Aconselha-os, pragmático, que o imitassem em fazer pontes. Afinal, diz ser “digno de admiração que em cento e noventa anos que dominamos e povoamos esta terra, e houvesse nela tantos rios e passos de difícilíssima passagem, nunca houvesse indústria para fazer uma ponte”.

O padre Arlindo de Magalhães Ribeiro da Cunha, em estudo aqui citado, indaga o quanto há de lenda e realidade na história deste vulto formidável, santificado pela igreja e pelos homens ao longo dos séculos. Lacunas e dúvidas na trajetória deste português do século XIII, eremita e pastor, despojado e radical, redescoberto no século XVI, da Reforma e do Concílio de Trento, “nenhuma esbate a riqueza e o vigor de sua figura”.

entendimento, página erudita e pia do magnífico Padre Vieira, cujo quarto centenário ora se celebra. Ao folhear volume da obra "O Chrysostomo Portuguez", compilação dos sermões do grande pregador, pelo Padre Antonio Honorati, deparei-me com o "Sermão de São Gonçalo", por ele proferido no Brasil.

Para exaltar São Gonçalo, divide Vieira a vida do santo em quatro etapas, as quais chama vigias: menino, rapaz, adulto, velho. Não obstante apontar que Cristo chama de bem-aventurados servos vigilantes que venham na segunda e na terceira vigia da noite, quando é "mais carregado o sono, mais trabalhosa a resistência e mais dificultosa a vigilância", acredita que as excelências do santo se estendem sobre as quatro fases da existência.

Em menino, desde o batismo, a contemplação do Cristo lhe calava o choro e despertava alegria. Prenúncio das virtudes que haveriam de lhe inspirar.

Rapaz, foi santo e admirável, pastor de almas, do pior gado de guardar, que é o homem, no dizer de Vieira, tendo governado a igreja de forma austera e em comunhão com os pobres.

É dessa fase a passagem narrada por Vieira, ao converter pães em carvão e revertê-lo à condição de pães. Tudo para mostrar aos indiferentes a força da excomunhão e o poder da absolvição. Neste milagre revelou-se o pastor. O fogo faz do pão carvão, mas só a onipotência o devolve a condição de pão. A lição a extrair do episódio é sobre a importância anotada na Bíblia de fazer e desfazer, atar e desatar, converter e desconverter.

A terceira vigia cumpriu-a Gonçalo na Terra Santa, por quatorze anos, peregrinando por aquelas partes onde Jesus esteve, experimentando as delícias de ali estar.

Velho, cumprindo a última vigia, "deixou o mundo antes que este o deixasse", para viver no deserto como ermitão. Arranca-o da contemplação para a vida ativa a morte e o sofrimento dos que perecem nas penedias escarpadas e nas águas impetuosas do Tâmega. É quando se lança à empresa humana de construir a ponte por



1. São Gonçalo do Amarante Padre: Esculpida em madeira. Originária de Amarante – Portugal, veio juntamente com a imagem que se encontra no altar-mor da Igreja de São Gonçalo do Amarante – Ceará. Com batina da ordem dominicana, bastão e livro na mão, com resplendor de filigrana e sobre a ponte de Amarante. Faz referência à ponte construída por ele junto a capela na região onde viveu. Acervo: Biblioteca Labirinto

Considerarei oportuno reeditar o sermão do padre Antônio Vieira em honra de São Gonçalo, para maior conhecimento deste Santo que o modismo das devoções esmaece, ao tempo que o leitor usufrua do estilo incomparável desse ícone do vernáculo.



3. São Gonçálio: Representado com vestimenta camponesa portuguesa da época: calção preso pouco abaixo do joelho, meia preta, bota braguesa, chapéu na cabeça, capa verde nas costas e viola na mão. Acervo: Biblioteca Labirinto



2. São Gonçalo do Amarante Padre: Representado com batina da ordem dominicana, bastão e livro na mão. Acervo: Biblioteca Labirinto



5. Imagem de São Gonçalo com viola na mão e resplendor de flores. No Brasil, a imagem ganhou uma viola e tornou-se patrono de festas religiosas como reisados, folias e a Dança de São Gonçalo, entre outras. Autoria do mestre santeiro cuiabano Clínio de Moura. Acervo: Fundação¹ Waldemar Alcântara



4. Imagem de São Gonçalo com viola na mão, esculpida em cerâmica pelo artesão e mestre santeiro cuiabano Clínio de Moura. Cultuado como o padroeiro dos violeiros. Acervo: Fundação Waldemar Alcântara

SERMÃO DE S. GONÇALO

Observação do compilador – Sendo a festa de S. Gonçalo muito popular, popular é também o estilo deste longo e rico sermão e cheio de reflexões morais. Mas nem por isso deixa de ter forma de panegírico com o caráter de originalidade que é próprio dos sermões de Vieira. Foi pregado no Brasil.

*Si venerit in secunda vigília, et si
in tertia vigília venerit, et ita
invenerit; beati sunt servi illi.*

S. Luc. 17.



Onde há muito em que eleger, não pode haver pouco sobre o que duvidar. Celebra hoje a nossa devoção um santo, sobre cujo estado duvidaram os historiadores, sobre cuja profissão duvidou ele mesmo e sob cujas grandezas, para eleger as maiores, eu sou o que mais duvido. Duvidaram os historiadores sobre seu estado: porque uns o fizeram da hierarquia clerical como filho de S. Pedro; outros da monástica como monge de S. Bento; outros da mendicante como religioso de S. Domingos: controversia em que é mais gloriosa a dúvida que a decisão. Assim duvidaram e contenderam as mais nobres cidades da Grécia sobre qual fosse, ou houvesse sido, a pátria do famoso Homero. Duvidou o mesmo Santo sobre qual seria a profissão em que Deus mais se agradaria que ele o servisse, porque não basta servir a Deus, mas é necessário servi-lo como Ele quer. E como neste requerimento empenhasse muitas horas e muitos dias de fervorosa oração e, porque já era sacerdote, muitos sacrifícios, finalmente lhe respondeu o divino oráculo que se dedicasse a seu serviço naquela religião em que se dá princípio aos ofícios divinos pela Ave Maria. Com este indício, no qual era significado claramente o sagrado instituto dos Pregadores, resolveu o Santo a sua dúvida; e com o mesmo espero eu resolver a minha. Para dar, pois, bom princípio ao nosso discurso, começemos também saudando a Mãe da graça, e digamos: Ave Maria.

Dúvidas acerca do estado, profissão e maioria das grandezas de S. Gonçalo.

As quatro vigias da noite e as quatro idades do homem. Assim na segunda e terceira idade como na segunda e terceira vigília é mais trabalhosa a resistência.

II. *Si veneritin secunda vigília, et si in tertia vigília venerit, beati sunt servi illi.* Duvidoso eu e muito duvidoso, como dizia, entre as grandezas do nosso Santo, para eleger e pregar dele as mais admiráveis, sobre esta minha dúvida encontro no evangelho com outra maior. Diz Cristo, Mestre divino e Senhor nosso, que os servos que ele achar vigilantes, ou venha na segunda vigia da noite, ou na terceira, esses são os bem-aventurados. A suposição e frase é militar, porque já os soldados naquele tempo dividiam a noite em quatro vigias, de cujo número persevera hoje o nome de se chamarem quartos. E porque a nossa vida, como diz Jó, é milícia, e neste mundo vivemos às escuras, ou com pouca luz, como de noite; divide o Senhor a mesma vida do homem em quatro partes com o nome de quatro vigias. A primeira parte ou idade é a de menino, a segunda a de rapaz, a terceira a de adulto, a quarta a de velho. Suposto, pois, que estas partes ou idades no curso da vida humana são quatro; porque deixa o Senhor a primeira e a última, e só faz menção da segunda e da terceira? A razão natural quanto às vigias é porque na segunda e na terceira é mais carregado o sono, mais trabalhosa a resistência e mais dificultosa a vigilância. E quanto às partes, ou idades da vida, é também a mesma ou semelhante: porque na idade de rapaz e de adulto, assim como as tentações são mais fortes, assim é mais trabalhosa a resistência dos vícios e mais dificultosa a observância das virtudes. Na primeira idade, que é a dos meninos, o mundo ainda não os tenta; na última, que é a dos velhos, já não os tenta; e a virtude sem batalha, que nos meninos é inocente e nos velhos, desengano, quanto mais está em paz e fora da guerra, tanto menos tem de vitória e de sólida e forte virtude.

S. Gregório Nazianzeno, concordando este texto com a lei em que Deus nos manda que o amemos, dá outra razão igualmente própria e natural, mas muito mais sublime. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo et ex tota anima tua et ex omnibus viribus tuis et ex omni mente tua*: amarás a Deus, teu Senhor, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças. De sorte que destas quatro partes, ou destes quatro todos, há de constar o amor de Deus, para ser legítimo de todos os quatro costados. Amor de todo o coração, amor de toda a alma, amor de todo o entendimento e amor de todas as forças. Pois esta é a razão por que Cristo só fala da segunda e da terceira vigia e não da primeira nem da quarta, e por que só chama bem-aventurados aos da segunda e terceira idade, que são os rapazes e adultos, e não os da primeira e da quarta, que são os meninos e os velhos? Sim e muito claramente: porque Deus quer ser amado não só com todo o coração e com toda a alma, mas também com todo o entendimento e com todas as forças; e posto que os meninos e os velhos têm coração e têm alma, os meninos não têm entendimento e os velhos já não têm forças; logo, só os da segunda e terceira vigia, só os rapazes e os adultos podem amar e servir a Deus com todas as quatro partes do inteiro e perfeito amor: com todo o coração, *ex toto corde*; com toda a alma, *ex tota anima*; com todo o entendimento, *ex tota mente*; com todas as forças, *ex omnibus viribus*.

Entendido assim (pois assim se deve entender) o evangelho, parece que ele por si mesmo nos tem já dividido o discurso em duas partes; e que segundo eles, devemos tratar das duas principais idades do nosso Santo: a segunda, que nos rapazes está em desenvolvimento; e a terceira, que nos adultos é madura, sendo uma e outra na sua perfeição ambas foram cheias de flores e ambas de frutos. Mas posto que

O texto das quatro vigias concorda com o primeiro preceito do decálogo por S. Gregório Nazianzeno. Luc. 10.

S. Gonçalo foi santo não só na segunda e terceira idade, senão também na primeira e quarta.

assim pareça a outros, a mim, cuja é a eleição, não me parece. Não são as excelências de S. Gonçalo tão pouco grandes que caibam em tão estreitos limites. Quando o rio sai da madre, também as margens são rio. Digo, pois, ou determino dizer, que S. Gonçalo não só foi santo da segunda e da terceira vigia, senão também da primeira e da quarta. Santo e admirável santo na primeira idade de menino; santo e admirável santo na segunda de rapaz; santo e admirável santo na terceira de adulto; santo e admirável santo na quarta de velho. Se o discurso for largo, facilmente se acomodará a devoção com a paciência.

1º. Foi santo na idade de menino. História do seu batismo e da sua infância.

III. Começando pela primeira vigia, foi santo e admirável santo S. Gonçalo na primeira idade de menino porque tal se mostrou oito dias depois de nascido, que foi o do seu batismo. Saiu da pia onde os outros meninos estranham tanto o rigor da água, e quando a ama o recolheu nos braços para o acalentar do choro e lhe dar o peito, a maravilhosa criança, em vez de chorar e mamar, fitou os olhos em um Cristo crucificado e com o rosto alegre e os bracinhos abertos e estendidos parecia que lhe dava as graças do benefício que recebera. Assim esteve por longo tempo, com admiração e pasmo dos presentes sem o poderem divertir da vista firme e contemplação atenta do sagrado objeto. E para que todos entendessem que este fato não era casual senão obra amorosa da graça que desde já prevenia e santificava aquela alma, não parou o prodígio naquele dia, mas depois se continuou com novas e maiores circunstâncias: porque o mesmo menino que então não chorou, agora chorava irremediavelmente e o que então tomou o peito agora estava constante em, de nenhum modo, o querer admitir. Não se entendia ao princípio o segredo destas lágrimas e abstinências; até que finalmente se conheceu que eram saudades dos primeiros amores. Para que não chorasse e se deixasse alimentar, que

métodos usavam? Levavam Gonçalo, ou Gonçalinho, à mesma igreja e assim que punha os olhos na imagem de Cristo crucificado esta vista lhe enxugava logo as lágrimas e lhe tirava o fastio, com que já contente e gostoso aceitava o natural alimento. Este era o único remédio e não havia outro. Caso verdadeiramente raro! Como se o batismo lhe infundira não só os hábitos, mas também os atos de todas as virtudes: em não chorar exercitou o da fortaleza; em não tomar o peito, o da temperança; em fixar os olhos e estender os bracinhos para a imagem de Cristo crucificado, o da prudência, o da justiça, o da religião, o da fé, o da caridade; e em o não poderem divertir daquela devota e constante atenção, o da perseverança.

Lá disse o real profeta do homem que logo começa e há de ser grande santo: *Et erit tanquam lignum quod plantatum est secus decursus aquarum, quod fructum suum dabit in tempore suo*: que será como a árvore nova e tenra plantada junto às correntes das águas, a qual dará o fruto a seu tempo. As águas correntes são as do batismo; as plantas novas regadas com elas são os batizados, não adultos senão meninos e inocentes; e destes diz o profeta, não que dão logo o fruto, mas que o darão a seu tempo. Por que? Porque naquele estado imperfeito da natureza, que é a infância, assim como têm emudecida a língua e enfaixados os braços, assim as potências da alma, como dormentes, não estão prontas e livres para exercitar logo os atos das virtudes. Crescendo, porém, depois, e tomando forças, então sai ou amanhece, como sol de entre nuvens, o lume do entendimento e da razão; e então é o tempo determinado pela natureza e esperado pela graça para poderem produzir e produzirem os frutos: *Et fructum suum dabit intempore suo*. Assim acontece a todos os meninos. Porém o nosso, como exceção dos demais, antecipando os limites e vagares da natureza, fez seu tempo

Deu fruto
antes do
tempo mais
admirável
que a árvore
de que fala o
salmo 1º.

que não era seu e seus os frutos que não eram do tempo.

Qual a fé dos meninos segundo santo Agostinho. Não foi tal a do S. Gonçalo.

Reparou e considera discretamente Santo Agostinho que os meninos vão ao batismo com pés não seus e crêem com coração não seu e confessam o que crêem com língua não sua: *Parvulis mater ecclesia aliorum pedes accommodat ut vaniant, aliorum cor ut credant, aliorum linguam ut fateantur.* E tudo isto fizeram seu os olhos do nosso menino todas as vezes que se fixaram em Cristo crucificado. Aqueles olhos fizeram sua a língua com que confessaram a fé; aqueles olhos fizeram seu o coração com que a creram; e aqueles olhos fizeram seus os pés ou, para melhor dizer, as asas com que venceram as distâncias que há de menino a homem sem deixar espaço em meio. Assim ficou o nosso Santo e se mostrou desde a primeira vigia tão admirável na santidade; porque não sendo o tempo seu enquanto menino, enquanto homem o fez seu: *Et fructum suum dabit in tempore suo.*

2º. Foi santo na idade de mancebo. É feito pastor de almas. As verdadeiras cãs são o juízo sisudo.

IV. Quanto à segunda vigia foi santo e admirável santo S. Gonçalo na idade de rapaz, porque feito naqueles anos pastor de almas (ofício tão perigoso para a própria, como útil para as alheias), de tal sorte acudiu a uma obrigação sem faltar a outra, que a ambas satisfez adequadamente. Faltavam-lhe ao novo prelado as cãs, que no sacerdócio são os esmaltes da coroa e na prelazia o ornamento da dignidade: mas não lhe faltava nada do que as mesmas cãs significam e não poucas vezes desmentem. São como as neves de que sempre está coberto o monte Ethna, debaixo das quais se ocultam vulcões e incêndios; são como as que o divino Mestre chamou sepulturas caiadas: brancas por fora e corrupção por dentro. E também podem ser como aquela árvore a que já comparamos o nosso Santo em mais levantado sentido. Dela diz o profeta, que nunca lhe cairá a folha: *Folium ejus non defluet*; e as árvores que não mudam a folha, tão verdes são de poucos anos como de muitos. Mas,

Math. 23

Os. 1

quanto por maior indecência se devem estranhar nos velhos as verduras, tanto é digna de maior veneração nos moços a madureza. As verdadeiras cãs, diz o Espírito Santo, são o juízo sisudo; e não consiste a velhice na cor dos cabelos, senão na pureza da vida. Os melhores cabelos e a pior cabeça que nunca houve foi a de Absalão: os cabelos vendiam-se a peso de ouro e a cabeça nenhum peso tinha. Mais lhe tomara eu o chumbo na testa que o ouro nas madeixas. Também há cabelos que parecem de ouro e são de prata sobredourada; e isto é o pior que têm as cãs, poderem-se tingir. Não assim os cabelos negros, que não admitem outra cor. Por isso a pastora das eclogas de Salomão, o que louvou nos cabelos do seu pastor foi serem da cor do corvo. *Comae eius sicut elatae palmarum, nigrae quae corvus.*

Sendo, pois, o melhor e maior de todos os pastores, pastor e rapaz, grande louvor é do nosso Santo ser eleito pastor na mesma idade. Rapaz era Abel; e que pastor mais religioso? Rapaz era Jacó; e que pastor mais vigilante? Rapaz era David; e que pastor mais animoso e esforçado? Se o leão (diz o Texto) lhe tomava o cordeiro pela cabeça, tirava-lho da garganta pelas pontas dos pés; e se lho engolia pelos pés, arrancava-lho das entranhas pelas orelhas. A idade da velhice é já muito fria para ações tão alentadas e tão ardentes. O pior gado de guardar é o homem. Quarenta anos guardou ovelhas Moisés sem nenhum perigo; e não havia dois anos que era pastor de homens, quando só Deus lhe pôde guardar a vida dos mesmos a quem ele guardava. Ele levava-os a beber nas correntes puríssimas do Jordão, e eles suspiravam pelos charcos do Nilo e lodos do Egito. A maior falta que hoje se experimenta nos pastores é a do valor. Se S. Gonçalo não o tivesse mostrado antes, tanta culpa teria quem lhe meteu o cajado na mão quanto ele em o aceitar. Se não tens valor para arcar com os vícios autorizados, e temes

Sap. 4

O pastorear se Abel, Jacó, Davi, Moisés.
O pior gado de guardar é o homem.
Sem valor não se pode pastorear.
Ecl. 7

o rosto dos poderosos, não aceites o officio, diz Deus: *Noli fieri iudex, nisi valeas irrumperere iniquitates; ne forte extimescas faciem potentis*. No rebanho manso das ovelhas também há valentes de testa tão dura e armada que se batem uns com os outros; mas todos temem e reverenciam o pastor. Assim foi antigamente, quando os pastores eram Crisóstomos e Ambrósios, posto que os mais poderosos da manada fossem Teodósios e Arcádios. Se os pastores não guardaram tantos respeitos, eles foram mais respeitados. E assim o foi S. Gonçalo quando rapaz.

De que modo
S. Gonçalo
governava a
sua igreja.

Do tempo em que governou a sua igreja dizem muitas coisas os historiadores, todas próprias de um bom pastor. Dizem que não se vestia de lã das ovelhas, nem se sustentava do seu leite e muito menos do seu sangue. Dizem que não gastava o patrimônio de Cristo com criados, cães ou cavalos, nem com acrescentar à casa ou lhes vestir as paredes. Dizem que, exceto a limitada pensão do próprio sustento, tudo o demais distribuía aos pobres e não como próprio com nome de caridade, mas como seu deles e por obrigação de justiça. Dizem que não pregava só aos ouvidos, mas também e, muito mais, aos olhos; porque os exemplos da sua vida era a alma de toda a sua doutrina. Estas e outras muitas coisas dizem os historiadores, mas todas em comum.

Prova com
um milagre
a eficácia da
excomunhão.

E porque do tempo em que o nosso Santo foi pastor um só caso referem em particular, por este inferimos os demais; e vendo como obrava, conheceremos como era. Havia entre os fregueses de S. Gonçalo o abuso que ainda dura em outros, de terem perdido o medo às excomunhões. Eram daquela gente que não crê o que não se vê, e sentiam mais a pena que os multava na bolsa do que as que os condenava na alma. Pregando, pois, um dia o Santo afeando este abuso como tão alheio da fé e religião cristã, viu passar uma mulher que levava uma cesta de pão; chamou-a,

mandou-lhe que pusesse a cesta a seus pés e, repetindo com voz temerosa a forma da excomunhão sobre os pães, que eram muito alvos, subitamente se converteram em carvões. Ficaram assombrados todos e muito mais a pobre mulher, que deu por perdido o seu pão. Mas depois que com a vista de tão estranha e repentina mudança os viu persuadidos ao que não acabavam de entender, Agora, diz o Santo, “para que vejais também quão contrário é o efeito que obra a absolvição nos excomungados”... Repetiu sobre os carvões as palavras da absolvição; e no mesmo momento e do mesmo modo ficaram outra vez convertidos em pães tão alvos como antes eram.

Feita a demonstração de um e outro milagre, disse S. Gonçalo à mulher que levasse o seu pão com a benção de Deus; e aqui reparo muito. Sendo o pão não uma, senão duas vezes milagroso, dobrada razão tinha o Santo para o aplicar à igreja. Oh tempos! Dono da casa, sei eu que à conta de uma excomunhão teve pão com que sustentar muitos dias a sua família; e era muito mais numerosa que a de S. Gonçalo. E por que não fez ele outro tanto? Ao menos parece que devera mandar reservar alguns daqueles pães convertidos em carvão, para perpétua memória e horror do caso. Por que tornou, pois, a entregar à mulher todo o seu pão tão inteiro no número e tão branco na cor como era antes? Porque entendeu o bom e desinteressado pastor que era coisa muito fora de razão querer fazer milagres à custa do pão alheio. Quantos milagres vemos e quantos homens e conselhos milagrosos, e todos à custa do pão alheio e nenhum do seu? Deus sustentava Elias cada dia com dois pães; e a S. Paulo, primeiro ermitão, também cada dia com meio pão; e sendo os ministros de um e outro milagre corvos, sempre o pão era da mesa de quem mandava sustentar os famintos e não tomando a outrem. O maior milagre neste gênero foi o dos

A excomunhão de S. Gonçalo e as excomuniões de outros pastores.

pães, que sendo cinco se multiplicaram a tantos milhares que sustentaram cinco mil homens, e supriram com sobra tantos lares. Mas estes excessos para quem foram? Para os donos dos cinco pães, que eram os apóstolos. Se o caso fosse para gracejar dir-se-ia que semelhante milagre já o vimos e estamos vendo. O que ontem se contava por unidades, hoje se conta por milhares e por milhões. Mas à custa de quem? Dos mesmos que dão a matéria e o patrimônio para o milagre. E em vez de terem parte na multiplicação e quando menos nos excessos, até seus cinco pães lhos excomungam de maneira que antes os querem perder que ganhar, porque só lhos permitem convertidos em carvão.

Algumas
vezes é
perfeição do
milagroso
desfazer o
milagre.
Os. 17

O remédio desta grande perdição e desta lástima, já o ensinou S. Gonçalo, se houver quem lhe queira tomar a lição. E em que consistia o remédio? Consistia em tornar a converter o carvão em pão, assim como o pão se tinha convertido em carvão. Não está a perfeição do milagroso em poder fazer os milagres, senão em os saber desfazer. E a razão, no nosso caso, é porque quando os milagres são danosos, para refazer o dano do milagre é necessário que desfaça o segundo o que fez o primeiro. Isto é o que fez S. Gonçalo; e isto o que não há quem imite. Se cuidam que é descrédito e menos autoridade do poder desfazer o que fizeram, enganam-se: porque mais poderosos se mostrarão no desfazer do milagre que em o fazer. Vede-o no nosso caso. Converter o pão em carvões, pode-o fazer o fogo queimando-o; mas converter os carvões em pão, só o pode fazer a onipotência obrando sobre as leis de toda a natureza. Finalmente, neste milagre se retratou o nosso bom pastor a si mesmo e mostrou qual era. Este milagre teve avesso e direito; e tais hão de ser os homens que governam homens. O bom pastor não há de ser todo bondade; nem tudo há de ser indulgência, nem tudo censura: *Cum electo electus eris*

et cum perverso perverteris. Há de ter excomunhões para os rebeldes, e absolvições para os arrependidos; e tanto para os brancos como os pães, como para os pretos como os carvões. Há de saber fazer e desfazer, converter e desconverter. A vara de Moisés era o mesmo cajado com que ele governava as suas ovelhas. E que propriedades tinha este cajado? Uma vez se convertia de vara em serpente e outras de serpente em vara. Nem por ser a lei de Cristo lei de graça, há de ser nela tudo de graça.

Que significa
o poder das
chaves.

A cerimônia com que o Autor da mesma lei constituiu a S. Pedro supremo pastor foi meter-lhe na mão as chaves do céu e da terra. E por que ou com que mistério chaves? Porque a chave tem uma volta para fechar e outra volta para abrir. Nem há de fechar tudo com rigor, nem deixar tudo aberto com demasiada benignidade. Quando for necessário, fechar de pancada; mas se não for necessário, não andar às pancadas. Continua Cristo dizendo: O que atares será atado e o que desatares, desatado; e por quê? Porque quer que os seus pastores saibam atar e desatar, e não sejam homens que não atam nem desatam. Porque não atam, andam os vícios soltos; e porque não desatam, estão as virtudes presas. Oh se ressuscitara S. Gonçalo, como havia de ver trocado tudo! Mas temo que os nossos tempos não haviam de merecê-lo, como também os seus o desmereceram.

V. Quando à terceira vigia, foi santo e admirável santo S. Gonçalo na idade adulta: porque tanto que entrou nela, saiu da própria pátria e se partiu peregrino a Jerusalém a visitar os sagrados lugares de nossa redenção e viver, como viveu, na Terra Santa todo o restante da idade. Não admiro nesta notável resolução o deixar a pátria, onde o amor natural costuma lançar aquelas fortes e doces raízes, que tão difficilmente se arrancam. Mas quando vos vejo, meu Santo, com o cajado de pastor trocado em bordão de peregrino,

3º. S. Gonçalo foi santo na idade de varão. Parte peregrino a Jerusalém.

deixando as vossas ovelhas e de Cristo por ir correr e venerar os passos que o mesmo Senhor andou nesta vida para ir pastoreá-las e findou na morte para libertá-las, isto é o que não sei admirar bastantemente, nem acabo de entender.

Uma vez sabemos que mudou Cristo os trajés e se vestiu de peregrino: mas quando, ou para quê? Era no mesmo dia da sua ressurreição, tendo dito três dias antes que quando tirassem a vida ao pastor se derramariam as ovelhas: *Percutiam pastorem et dispergentur oves*. E porque duas delas iam desgarradas e quase perdidas de Jerusalém para Emaús, esta foi a causa daquela peregrinação; querendo-as reduzir outra vez o Senhor e unir ao seu rebanho. Pois se Cristo, como bom pastor, se faz peregrino para trazer duas ovelhas de Emaús a Jerusalém, como S. Gonçalo, que devia imitar a Cristo, se parte peregrino a Jerusalém, deixando em Emaús não duas ovelhas, senão todo o rebanho de que era pastor? Emaús quer dizer Conselho temeroso; e este conselho parece que não foi temeroso, senão temerário. Nota o evangelista que Emaús estava distante de Jerusalém sessenta estádios, *Stadiorum sexaginta*, que fazem da nossa medida três léguas. E se Cristo não sofreu que duas ovelhas se ausentassem do seu rebanho três léguas e as foi buscar no meio do caminho, como se ausenta S. Gonçalo das suas ovelhas em não menos distância que de mil léguas, quantas dista Portugal de Jerusalém? Mais: nota o evangelista que esta diligência a fez Cristo no mesmo dia: *In ipsa die*. E se o bom Pastor no mesmo dia acode a uma tão pequena parte do seu rebanho, como S. Gonçalo deixa e desampara totalmente o seu e se vai viver tão longe dele, não por menos espaço de tempo que quatorze anos inteiros?

Por que não imita a Cristo no caso dos discípulos de Emaús? Luc. 24

E na parábola do bom Pastor? Malaq. 15 Ibid 10

Se dissermos que quis trocar a sua terra pela Terra Santa, esta razão ainda que parecesse pia, não é bastante para deixar o seu rebanho, sendo pastor. Porque ainda que trocar a

sua terra pela Terra Santa fora trocar a terra pelo céu, deveria trocar o céu pela terra, não digo por acudir a todo o rebanho, senão a uma só ovelha deles. Que pastor há, diz Cristo, o qual tendo cem ovelhas, se acaso se lhe desgarrou e perdeu uma, não deixa as noventa e nove no deserto e vá buscar a ovelha perdida? Assim o fez o mesmo Cristo. A ovelha perdida era o homem, as noventa e nove eram os nove coros dos anjos, o deserto, onde as deixou, era o céu. E se o bom e verdadeiro Pastor deixou o céu e veio à terra para acudir a uma só ovelha perdida, ainda que trocar S. Gonçalo a sua terra pela Terra Santa fora trocar a terra pelo céu, devera não fazer tal troca, mas deixar e trocar o céu pela terra, não só para conservar todo o seu rebanho, como dizia, mas para acudir a uma só ovelha dele. E se quisermos considerar que a jornada da Terra Santa foi feita com espírito e desejo de lá converter os infieis maometanos que a dominam e habitam, também esta desculpa é insuficiente e alheia do exemplo de Cristo. Quando os apóstolos pediram ao mesmo Senhor que ouvisse os clamores da Cananécia que era gentia, respondeu que as ovelhas que Deus lhe encomendara eram os filhos de Israel e não os gentios: *Non sum missus nisi ad oves quae perierant domus Israel*; e em consequência desta mesma doutrina, mandou a seus discípulos que só pregassem aos judeus e não à gentilidade: *In viam gentium ne abieritis*. E como as ovelhas que S. Gonçalo deixava na sua pátria e na sua igreja, eram as que Deus lhe tinha encomendado; ainda que a sua peregrinação a Jerusalém fosse com intento de converter outras do paganismo, comparado este zelo com a sua obrigação, não só parece louvável, mas nem ainda lícito.

Primeiramente respondo que a peregrinação de S. Gonçalo à Terra Santa não só foi lícita e louvável, mas verdadeiramente santa: porque ele a empreendeu não só por espírito e devoção particular sua, mas por impulso

Porque Deus
o chamou
como chamou
da sarça a
Moisés.
Exod. 3

e vocação especial de Deus. Vejamos o caso resoluto e definido na história sagrada. Era pastor Moisés e andava nos desertos de Madian guardando as ovelhas que Jetro lhe tinha encomendado quando viu de longe a sarça que ardia e não se queimava. Resolveu então ir ver mais de perto aquela maravilha, e diz o Texto sagrado que, vendo Deus que ele voluntariamente ia, o chamou e lhe mandou que fosse: *Cernens quod pergeret ad videndum, vocavit eum*. Pois se Moisés ia por sua vontade, por que o chamou Deus? Porque este era o caso, como o do nosso próprio Santo, em que não basta a inclinação e deliberação própria, mas é necessária especial vocação divina: *Cernens quod pergeret ad videndum, vocavit eum*. Assim o fez Moisés, que totalmente deixou então o ofício e o rebanho; e assim o fez o nosso Santo, chamado também e inspirado por Deus; e por isso não só lícita e louvável, senão santamente e com ato de maior perfeição.

A Palestina
era a Rachel
de S. Gon-
çalo.

O que desta admirável inspiração se segue é quão singularmente estimou Cristo os afetos também singularíssimos com que S. Gonçalo, na sua peregrinação, acompanhou os passos da vida e morte do mesmo Senhor, pois antepôs esta devoção e desejo à obrigação e cuidado da guarda das suas ovelhas. A mesma vida e morte de Cristo, sempre fixa e ardente na memória do nosso peregrino pastor, não há dúvida que foi como na de Jacó a sua amada Rachel: pois por ele serviu duas vezes sete anos naquele voluntário desterro, sendo as suas saudades as ovelhas e os seus desejos e suspiros os cordeiros que pastoreava, começando desde Nazaré e acabando no monte Olivete e repetindo este amoroso círculo com tantas pausas e estâncias quantos eram ou tinham sido os passos do seu amor.

Mas quem nos acabará de descobrir o mistério desta tão singular novidade e sem exemplo na estima de Cristo? O

primeiro pensamento que me ocorreu foi que, em prêmio da pureza virginal que perpetuamente guardou o nosso Santo, Deus quis conceder-lhe na terra o que só concede aos virgens no céu. É privilégio concedido no céu aos virgens, diz S. João no Apocalipse, que eles só sigam ao Cordeiro, que é Cristo, a todas as partes por onde e para onde for: *Virgines enim sunt hi sequuntur agnum quocunque ierit*. Porém os virgens no céu não só seguem os passos do Cordeiro, mas vêm ao mesmo Cordeiro; e S. Gonçalo na terra, sem ver nem poder ver o Cordeiro, lhe seguia e adorava os passos. Eles seguem os passos do Cordeiro onde está o Cordeiro; mas S. Gonçalo não seguia os mesmos passos onde o Cordeiro estivesse, mas sim onde tinha estado, e só porque tinha estado ali, não podia apartar-se deles. Oh singular e admirável fineza. E esta digo em conclusão que foi a que Cristo assim amado tanto estimou!

Em prêmio não só da sua virgindade mas da sua fineza no amor pode seguir os passos do Cordeiro até na terra. Apoc. 14

Assistindo Gonçalo quatorze anos na Terra Santa e visitando todos os lugares em que o Senhor, vivo ou morto, tinha estado, respondia e pagava com esta fineza o amor com que Cristo enquanto Verbo tinha todas as suas delícias aba eterno em estar com os homens na terra. Notai muito. Traçava este mundo aba eterno a Sabedoria divina que é o mesmo Verbo; e diz que recreando-se pelos lugares da terra, eram as suas delícias estar com os homens: *Deliciae meae esse cum filiis hominum*. Mas se ainda então não havia homens que estivessem naqueles lugares, como tinha as suas delícias o Verbo em estar com eles? Porque ainda que os homens então não estivessem ali, haviam de estar depois. Como se dissera o Verbo: Aqui há de estar o paraíso terreal; e as suas delícias eram estar com Adão. Aqui se há de fabricar a arca; e as suas delícias eram estar com Noé. Aqui se fundará a cidade de Hebron; e as suas delícias eram estar com Abraão. Aqui será a terra de Hus; e as suas delícias eram estar com

Paga ele a Cristo o amor com que enquanto Verbo desejava estar com os homens. Isai. 60 Prov. 8

Jó. Aqui se levantará o monte Sinai; e as suas delícias eram estar com Moisés. E assim dos outros homens e dos outros lugares. Do mesmo modo S. Gonçalo. Em Nazaré dizia: Aqui encarnou o Verbo. Em Belém: Aqui nasceu. No monte Tabôr: Aqui se transfigurou. No Calvário: Aqui morreu. No Olivete: Daqui subiu ao céu. E em todos estes lugares eram as suas delícias estar com Cristo, não porque ali estivesse, mas porque ali tinha estado. De sorte que o Verbo supondo o futuro e S. Gonçalo supondo o passado, ambos com o mesmo amor e com a mesma fineza, o Verbo tinha as suas delícias com os homens, onde não estavam, porque haviam de estar; e S. Gonçalo tinha as suas com Cristo onde não estava, porque havia estado. E por este modo excelente e singular cumpriu melhor que todos o nosso peregrino o que Deus prometeu por Isaías, que havia de fazer gloriosos os lugares onde tinha posto os seus pés: *Et locum pedum meorum glorificabo.*

4º. Foi santo na idade de velho, passando a viver em um deserto e ter vida de ermitão.

VI. Quanto à quarta vigia foi santo e admirável santo S. Gonçalo na idade da velhice; porque, passando a viver em um deserto e ter vida de ermitão, soube deixar o mundo antes que o mundo o deixasse. Não quis que a morte o deixasse dentro dos muros do povoado, mas ele saiu ao deserto para a esperar em campanha. Oh que valente resolução e que bem entendida! Como a velhice é o horizonte da vida e da morte – o horizonte onde se junta a terra com o céu e o tempo com a eternidade – que resolução pode haver mais bem aconselhada e mais digna da madureza de umas cãs que dedicar à contemplação da mesma eternidade aqueles poucos dias e incertos que pode durar a vida? Não foi admirável o nosso santo velho porque isto fez, mas é verdadeiramente admirável porque fez o que deveriam fazer todos os velhos, e não vemos algum que o faça. De todos os outros gêneros de morte, sendo tantos e tão vários, pode haver esperança de

escapar: só a morte que traz consigo, ou após si, a velhice, é morte sem esperança. Mata a doença, mata a espada, mata a seta ou descoberta ou atraçoada; mas de todos estes gêneros de morte muitos escaparam; só da morte da velhice ninguém escapou. E sendo tão desesperada esta esperança, mais dignas são para mim de admiração as nossas velhices do que foi a de S. Gonçalo, pois nos não desenganamos com elas. Quanto mais temos vivido neste mundo e a mesma vida, e quanto mais são os anos que contamos, tanto mais são as raízes com que estamos pregados à terra. Mas consideremos quão diferentemente tinha passado o nosso santo velho as outras suas idades do que nós temos vivido ou desbaratado as nossas; e esta seja a maior advertência de o reconhecermos por singular e venerarmos por admirável.

Enfim, não tendo S. Gonçalo porque fugir de si, fugiu de nós para o deserto; e levantando uma pequena capela sobre as ribeiras do rio Tâmega, fabricada pelas medidas do seu espírito, ali, só por só com Deus, empregava os dias e velava as noites na altíssima contemplação daquele sumo Bem, que cedo esperava gozar com a vista. Não havia ou se ouvia naquele bem-aventurado lugar algum ruído que perturbasse a quietação do santo ermitão, senão a tempos de inundações e tempestades os gemidos e vozes mortais dos que arrebatados da fúria e correntes do rio, tão impetuosas como súbitas, ou espedaçados nos penhascos, ou afogados no remoinho das águas, pereciam lastimosamente e sem remédio. Eram muitos todos os anos os miseráveis naufragantes e muito mais as lágrimas dos que neles perdiam os filhos, pais ou maridos. E que faria quando isto ouvia e via um coração tão cheio e abrasado do amor divino? Quanto maior é nos santos o amor de Deus, tanto mais forte e mais solícito é o amor do próximo. Orava continuamente; mas porque de ordinário bastava para remediar os trabalhos humanos

Levanta uma
pequena
capela sobre
as ribeiras do
rio Tâmega
e resolve-se
a fazer uma
grande ponte.

não bastam as mãos ociosas, posto que levantadas a Deus, resolveu-se o espírito de um pobre e solitário ermitão ao que nunca se atreveram a intentar os braços poderosos dos reis; que foi unir as duas ribeiras do Tâmega com uma ponte e meter debaixo dos pés dos passageiros a braveza e fúria do rio, que a tantos tinha tragado.

Dificuldades
de empresa.
O que Cristo
disse a Marta.
Luc. 10

Grande empresa, mas tão alheia do sujeito que a emprendia, como dificultosa e impossível por todas as suas circunstâncias! Assim se riam agora do imaginário remédio os que tantas vezes tinham chorado os verdadeiros perigos. E certamente, quando se não considerasse no novo arquiteto mais que o peso e debilidade dos anos; a velhice é idade para ter trabalhado e não para trabalhar; para ter feito, e não para fazer. E que proporção tem (diziam) as contemplanções do ermitão com as execuções e atividades de uma tão grande obra? A superfície desta desaprovação do vulgo ainda tem muito maior fundo na teologia espiritual e ascética. Quando Marta se queixou de que Maria, sua irmã, não a ajudasse, o que lhe respondeu o divino Mestre foi: *Martha, Martha sollicita et set turbaris erga plurima. Maria optimam partem elegit.* Este vosso cuidado, Marta, posto que bem intencionado, não serve mais que de vos perturbar e divertir em muitas coisas alheias da profissão de Maria; e se cuidais que ela, assentada a meus pés e ouvindo-me está ociosa, enganai-vos: porque escolheu a parte que lhe está melhor e mais me agrada. E isto mesmo parece que estava dizendo ou ditando a S. Gonçalo a doutrina de Cristo naquele caso e contra a sua determinação. Maria significa a vida contemplativa e interior, que é a que professam os eremitas; Marta significa a vida ativa, que é a que se emprega em ações exteriores, posto que em serviço de Deus e do próximo; e se esta, das portas adentro de uma casa e ocupada só em preparar o que lhe parecia necessário para uma mesa, divertia e perturbava tanto

a Marta, qual seria a perturbação e perpétuos divertimentos do nosso ermitão, empenhada a sua velhice na fábrica de uma ponte tão dificultosa? Parece-me que estou ouvindo os ruídos dos carros, dos penhascos, dos madeiros, e a contínua bateria dos instrumentos dos oficiais e trabalhadores, uns desbastando, outros lavrando, outros fabricando e levantando as máquinas para sustentar os arcos e guindar e assentar a pedraria já lavrada; e o autor e superintendente da obra ao mesmo tempo dividido em tantas partes, com o cuidado e os olhos nas mãos de todos. Vede se competia a esta sua fadiga melhor que a Marta o *sollicita e set turbaris erga plurima*.

Mas esta mesma era a maior prova do altíssimo grau da contemplação a que o espírito do santo eremita tinha subido. A alma que chegou ao cume da perfeição da vida contemplativa, nem as ações lhe divertem a contemplação, nem a contemplação lhe impede as ações: mas toda dentro e toda fora de si, juntamente está obrando no exterior e no interior contemplando. Que vida mais ativa e mais actiosa que a dos anjos, sempre ocupados e nunca jamais divertidos? *Omnes sunt administratorii spiritus in ministerium missi*. Os anjos da guarda de dia e de noite estão velando, cada um sobre o homem que lhe está encomendado. Os custódios dos reinos e monarquias sempre atendem ao governo e conservação delas na paz e na guerra, e em tantos outros accidentes que nunca param. Os que guiam com tanta ordem o concerto dos astros cada um governa a sua estrela, quase todas maiores que este mundo. E de todos, diz Cristo *Semper vident faciem Patris mei quin i coelis est*: que estão sempre contemplando a face de Deus, como se estivessem no descanso e sossego do céu, sem outra ocupação ou cuidado. E tal era a contemplação verdadeiramente angélica do nosso eremita, tão quieta e sem perturbação no meio do tumulto e tráfego da sua obra, como se não tivesse saído da sua ermida,

Isto mesmo
prova o
altíssimo
grau de sua
contemplação.
Hebr. 1
Math. 4

podendo-se dizer dele o que do mesmo Deus, de cuja vista nunca se apartava: *Immotusque manens das cuncta moveri.*

A sua caridade vence as dificuldades da empresa.
1. Cor. 13

Vencida esta primeira apreensão e conhecida a concórdia e harmonia que conservam dentro no mesmo espírito, se é perfeito, a vida ativa e contemplativa, a qual não entendiam os que consideravam o nosso eremita divertido do exercício da sua profissão, segue-se a segunda, em que toda a prudência e providência humana podia reparar muito. E qual era? Que um homem só e desassistido de toda a outra companhia e poder, se atrevesse a uma empresa que muitos poderosos juntos jamais emprenderiam, nem imaginavam possível. Se os fabricantes da torre de Babel, sendo todos os homens que havia no mundo juntos e unidos no mesmo pensamento, o fim e efeito que conseguiram foram a confusão e o desengano da sua temeridade; verdadeiramente parece que não faziam grande injúria às cãs e prudência do nosso santo velho, os que reprovavam que ele, sendo um só, (ainda que a sua idade fosse mais viva e mais robusta) intentasse uma tal obra. Mas o que ninguém cria nem esperava, intentou, prosseguiu e levou ao fim em S. Gonçalo a caridade e amor do próximo; da qual diz S. Paulo, que tudo crê, tudo espera e com tudo pode: *Omnia credit, omnia sperat, omnia sustinet.*

Compara-se com Noé na fábrica da arca.
Gen. 1
Ibid. 11

Um dos que se acharam entre os edificadores da torre de Babel foi Noé; e é coisa bem notável que a ele só encomendasse e dele só fiasse Deus a fábrica da arca: *Fac tibi arcam de lignis levigatis*, lhe disse o supremo Arquiteto daquela nova máquina; e prescrevendo-lhe a traça, a forma e as medidas com tanta miudeza, nem em comum nem em particular fez menção de outro artífice ou companheiro que houvesse de ter parte na obra senão o mesmo Noé somente: *Mansiunculas in arca facies, et bitumine linies intrinsecus et extrinsecus; et sic facies eam.* Pois se a fábrica era tão grande e tão nova, e previa Deus que todos os homens do

mundo, entrando neste número Noé, não haviam de poder conseguir, nem continuar aquela torre na terra, havendo de ter esta fábrica os alicerces sobre a água, como a encomenda e fia de um só homem? Porque o intento da torre era a vaidade, o intento da arca, a caridade. O intento da torre era celebrarem os homens o seu nome antes de se dividirem: *Celebremus nomen nostrum antequam dividamur*, o intento da arca era salvar os homens da inundaçãõ universal do dilúvio: *Ut possint vivere*; e quando para conseguir os intentos da vaidade, não bastam todos os homens, para os da caridade, por árduos e dificultosos que sejam, basta um só homem. Trocai agora o nome de Noé em Gonçalo, o da arca em ponte e o do dilúvio em rio, e vereis quão bem fundada foi a caridade do nosso Santo na esperança de levar ao cabo a sua obra; pois assim como a de Noé era para salvar os homens da inundaçãõ do dilúvio, assim a sua era para os salvar das inundações do rio.

Mas ainda aqui nos falta por dar satisfação a uma grande máxima da doutrina de Cristo. Que homem há de vós, o qual querendo edificar uma torre, não lance primeiro as suas contas muito devagar, e computando as finanças com as despesas, não veja se é bastante; porque lhe não aconteça começar a obra e não a poder acabar, ficando ela e ele expostos ao riso das pessoas? Isto é o que ensina Cristo Senhor nosso; e estas são as contas e o computo que devia fazer o nosso eremita antes de pôr, não digo a mão, senão o pensamento à obra: ver primeiro se tinha com que comprar os materiais, com que pagar aos mestres, com que pagar as semanas de trabalho e sustentar os operários; e isto não só para começar a obra, senão para pô-la em perfeição. Agora pergunto: fez S. Gonçalo este computo? Digo que sim, e com tão nova e abreviada aritmética, que o resumiu a duas adições somente: primeira, eu não posso nada; segunda, Deus pode tudo. O

As contas que lança para computar segundo o conselho de Cristo as despesas com o cabedal, resume-se a duas adições. *Luc. 14 Phil. 4*

mesmo já tinha feito S. Paulo, quando disse: *Omnia possum in eo qui me confortat*. Eu pelas minhas forças nenhuma coisa posso, mas pelas que Deus me dá, sou todo poderoso. Tal era o espírito e tal a conseqüência do nosso Santo: porque eu não posso nada, eu sem Deus não poderei mover uma pedra; mas porque Deus pode tudo, eu com Deus e Deus comigo bem poderemos fazer a ponte. E assim foi. Contam as fábulas que Orfeu com a sua cítara edificou os muros de Tebas; porque era tal a doçura e suavidade daquele instrumento tocado por ele, que levava após si as árvores, os montes, os rios, as feras e até a liberdade dos homens. Assim cresciam fabulosamente em Tebas os muros e assim em Amarante verdadeiramente a ponte.

Na execução
da empresa
faz vários
milagres.
Jó.13

Deram a S. Gonçalo uns touros bravos e ferozes; e ele com a voz de uma só palavra os amansou de maneira que logo tomaram o jugo e tiraram pelo carro, seguindo a quem os guiava, como se tivessem ensino de muitos anos. Chegava à ribeira do rio, chamava os peixes e eles, correndo em cardumes, saltavam aos pés do Santo enquanto ele não dizia Basta; e os demais com sua benção se retiravam para tornarem outra vez, quando fossem chamados. Era necessária água para mais fácil serviço da obra; tocou o santo velho com o seu bordão em uma pedra e correu logo uma fonte: mas porque a água bastava para satisfazer a sede e não para alegrar e dar forças aos trabalhadores, tocou do mesmo modo em outra pedra, e saiu dela outra fonte de vinho. Trabalhavam muitos braços e muitos instrumentos para abalar um grande penedo, sem ele se mover; mas com o impulso de uma só mão do Santo, mais como andando por si mesmo que levado por força, se foi por onde era necessário. Porém como há homens mais duros que as pedras e mais irracionais que os brutos; assim como com estes persuadindo-os suavemente o Santo a quanto queria, se mostrava mais evidentemente

a oculta divindade que lhe governava a língua; assim houve um tão duro e tão astuto que, pedindo-lhe o pobre ermitão, em cuja santidade não cria, algum socorro para a sua obra por ser muito rico, ele, escusando-se por estar fora de casa, lhe respondeu que sua mulher o socorria, dando-lhe para ela um escrito. Recebeu-o a mulher, e rindo-se para o Santo, lhe disse: Padre ermitão, este crédito não vale nada: porque o que nele me diz meu marido é que vos dê esmola quanto pesar este papel. Despedido tão secamente, replicou com tudo o Santo que se pesasse o papel, como mandava o dono da casa, e que ele pelo peso se contentaria com a esmola. Caso verdadeiramente da mão oculta de Deus! Põe-se o papel em uma parte da balança, e quando parece que bastavam poucos grãos de trigo para o pôr em equilíbrio, vieram sacos e mais sacos, e poderia vir todo o celeiro, sem igualar o peso do papel, que não chegava a uma folha. Lá se queixava Jó de que a onipotência divina, para o mortificar, ostentasse o seu divino poder contra uma folha que leva o vento; e cá para canonizar a S. Gonçalo ostenta seu divino poder a divina potência em fazer tão pesada uma meia folha, que nenhum poder a pudesse igualar, nem levantar, nem mover. Assim concorreu Deus juntamente com o nosso Santo o começar, no continuar e no aperfeiçoar a sua obra; e assim a deixou perfeita e acabada para tanto bem de tantos, antes que a última idade lhe acabasse a vida.

VII. Concluídas tão felizmente as quatro vigias e idades da vida humana, qual cuidamos que foi o prêmio que lhe deu o Senhor na sua chegada? Que fosse a imortalidade celestial, ninguém o pode duvidar, pois esta é a prometida a todos os servos fieis. E qual maior fidelidade que a de S. Gonçalo tão pronto em todo o tempo da sua vida para tudo o que era do serviço de seu senhor? Mas além desta imortalidade lhe quis acrescentar outra que lhe enchesse

Qual foi o prêmio de tantos merecimentos. S. Gonçalo em acudir a todos é o pai de famílias do Evangelho. Luc. 12

ainda neste mundo como a santo de Amarante as medidas de seu sobrenome, que em grego significa Imortal. Por esta imortalidade continua ele a viver depois da morte na memória de seus devotos, agradecidos à paterna vigilância com que do céu lhes acode em todas as necessidades não há neste mundo mais desejada imortalidade, que o viver dos pais na memória e amor dos filhos. E se buscarmos no evangelho este prêmio para S. Gonçalo, acharemos que depois de falar expressamente na segunda e terceira e supor nesta mesma conta a primeira e a quarta, introduz um pai de famílias muito vigilante: *Quoniam si sciret pater familias qua hora fur veniret vigilaret utique*. Por certo que o nome de pai de famílias quadra admiravelmente ao nosso Santo: porque ele verdadeiramente é pai universal não só daquela grande e numerosa província, mas de todas as vizinhas e confinantes, as quais em tudo o que necessitam de perto e de longe a ele recorrem. Se não têm filhos, a S. Gonçalo os pedem; e se têm muitos, a S. Gonçalo consultam se os hão de mandar à guerra ou ao estudo ou aplicar ao arado. Se hão de casar as filhas, S. Gonçalo é o casamenteiro; e se os próprios pais, ou não podem ou se descuidam de lhes dar estado, a lembrança que elas por modéstia se não atrevem a lhes fazer, a fazem em segredo ao Santo, que como mais poderoso e mais vigilante pai não se descuida. A ele encomendam os pastores os gados, e os lavradores as sementeiras; a ele pedem o sol, a ele a chuva; e o Santo, pelo império que tem sobre os elementos, a seu tempo e fora de tempo, os alegra com o despacho de suas petições. Ele os remedia nas pobrezaas, ele os cura nas enfermidades, ele os reconcilia nas discórdias, ele, enfim, se andam desgarrados, os encaminha e talvez os castiga também amorosamente, para que não degenerem de filhos de tal pai.

Por todas estas razões confirmadas com infinitos

exemplos me parecia que com o nome de pai de famílias se explicava o poder que recebeu S. Gonçalo para ser nosso protetor. Mas bem considerado o que depois de morto e imortal obra e está obrando cada dia em benefício dos que o invocam, não há dúvida que lhe vem muito curto este nome. E para inventarmos algum que iguale e encha o conceito de suas maravilhas, assim como ao princípio disse que no seu nascimento foi menino como homem, assim digo por fim que depois da sua morte foi homem como Deus. Alguns anos depois de morto S. Gonçalo na ocasião de uma extraordinária tempestade, vinha tão cheio e furioso o rio Tâmega, que não só levava envolto consigo quanto encontrava nas ribeiras, mas também nos montes. Entre outras coisas vinha atravessado na corrente um carvalho de tanta grandeza, que julgavam atônitos quantos o viam que, batendo com o peso seu e das águas a ponte, arruinaria os arcos e a derrubaria sem dúvida. — S. Gonçalo (gritaram todos), S. Gonçalo acudi à vossa ponte. — Eis que no meio destes clamores vêem sair da igreja um fradinho vestido de branco, com o manto negro e um cajadinho na mão, o qual, voando pelo ar ao rio, lançou a volta do cajadinho a um ramo do tronco, e fazendo-o encanar e embocar direito pelo olho do arco maior, ele passou precipitado com a corrente, e a ponte, sem dano nem perigo, ficou tão firme e inteira como fora edificada. Com iguais clamores e triunfos deram todos graças a S. Gonçalo, que pelo hábito e lugar de onde saíra, visivelmente se lhes manifestou quem era. E eu torno a repetir, como dizia, que nesta ação, bem entendida, mostrou o nosso Santo que para com as suas obras não se portava como homem, e sim como Deus.

Imita a Deus na conservação das suas obras. Salva com um milagre a sua ponte.

Entre as causas segundas, como são os homens, e a causa primeira que é Deus, há tal diferença comumente no obrar, que das causas segundas, como falam os filósofos,

Como é
que Deus
conserva suas
obras.
Gen. 2
Joan. 5

dependem somente *in fieri*: mas da primeira dependem *in fieri et in conservari*: das causas segundas dependem as coisas quanto à criação, mas da causa primeira, não só dependem quanto à criação, mas também quanto à conservação. Quanto à criação, Deus e os pais geram o filho; quanto à conservação, Deus é só o que os conserva sem dependência nem concurso dos pais. Daqui se entenderá aquele modo notável de falar com que diz a Escritura que Deus no dia sétimo descansou de todas as obras que tinha feito: *Requievit die septimo ab universo opere quod patrarat*. Por ventura, Deus no mesmo dia do sábado em que descansou das suas obras deixou de obrar? Não, porque se deixara de obrar conservando-as, deixaram elas de ser. É o mesmo que respondeu e declarou Cristo, convencendo admiravelmente aos que o caluniavam de obrar no sábado: *Pater meus usque modo operatur et ego operor*: assim como meu Pai obrou no sábado, não servi, senão soberanamente, assim o faço eu. Isto é o que Deus faz conservando as suas obras; e isto é o que analogamente fez S. Gonçalo, saindo por si mesmo a conservar a sua. Conservou então e há tantas centenas de anos que a conserva e a conservará sempre; porque nas suas obras não obra como homem de quem dependem só na criação, senão como Deus de quem dependem na conservação.

Os milagres
de Cristo
e os de S.
Gonçalo.
Math. 11

Vamos a outras obras de Deus e de S. Gonçalo. Foram os discípulos do Batista perguntar em nome de seu mestre a Cristo se era ele o verdadeiro Deus e Homem prometido pelos profetas e esperado no mundo: *Tu es qui venturus es, an alium expectamus?* E o que respondeu o Senhor? Em presença dos mesmos discípulos, deu olhos aos cegos, ouvidos a surdos, língua a mudos, mãos a aleijados, pés a mancos, saúde e limpeza a leprosos e vida a mortos. E esta foi a resposta com que os despediu, dizendo: *Ide e dizei a João o que ouvistes e vistes; Euntes renuntiate Joanni*

quae audistis et vidistis. O mesmo respondo eu a quem, por ventura, duvidar do que tenho dito, ou estranhar que se diga de S. Gonçalo que não obrava como homem senão como Deus. Ide a Amarante, visitai no sagrado mausoléu de S. Gonçalo as memórias imortais da sua vida póstuma e vereis o que me ouvis. Vereis, ou pintadas ou de vulto, como troféu das suas obras divinamente humanas, as muletas dos mancos, os braços dos aleijados, os olhos dos cegos, as orelhas dos surdos, as línguas dos mudos, as mortalhas dos mortos ou moribundos; e porque os males interiores e invisíveis são os que mais atormentam e matam, também vereis os corações dos tristes, dos aflitos, dos perseguidos, dos desesperados que só na invocação do nome de S. Gonçalo acharam a consolação, o alívio, a respiração, o remédio.

Assim obra como imortal, depois de morto, o grande imitador de Deus-homem. E porque o mesmo Senhor deixou dito que, depois de subir ao céu, fariam seus fiéis servos na terra não só semelhantes obras às suas, senão maiores: *Opera quae ego facio; faciet, et majora faciet, quia ad Patrem vado;* se atentamente considerarmos as circunstâncias destes milagres, acharemos que os de S. Gonçalo, comparados com os do mesmo Deus-homem, tem hoje no modo de os obrar grandes excessos de maioria. Grandes eram os concursos dos que, em fé dos milagres que obrava, buscavam e seguiam a Cristo, diz S. João. E se perguntarmos ao mesmo evangelista a que número chegaria a maior multidão destes concursos, não só com nome de maior, senão de máxima, diz que chegaram a ser cinco mil: *Cum sublevasset oculos Jesus et vidisset quia multitudo maxima venit ad eum;* e logo declarando o número: *Discubuerunt ergo viri numero quasi quinque milio.* Ah, Senhor, com quanto excesso se prova no vosso fidelíssimo servo a verdade daquela grande promessa! Quando na terra levantastes os olhos para ver a multidão dos

Concorre ao seu sepulcro mais gente que a que seguiu o Salvador no deserto.
Joan. 14
Ibid. 6
Math. 14

que pela fama e experiência de vossos milagres vos seguiam, a maior e mais numerosa que vistes foi de cinco mil homens. E ainda que eu saiba por outro vosso evangelista que neste número não se incluíam as mulheres e as crianças que podiam ser muito mais; contudo se hoje do céu onde estais abaterdes os mesmos olhos divinos e os puserdes em Amarante, vereis que pela fama e experiência dos milagres de S. Gonçalo, os que concorrem neste dia a visitar suas sagradas relíquias e encomendar-se a seu patrocínio levam imensa vantagem ao maior número de devotos que vos seguiram no deserto.

↪ Vereis que a multidão inumerável dos naturais e estrangeiros não cabe pelas estradas, que cobre os montes, que inunda os vales e que, não podendo todos entrar nem chegar de perto, cercam tumultuosamente a igreja, venerando e adorando de longe as paredes santas que encerram tão benéfico e soberano depósito. E este é outro excesso de maioria que também na comparação de vós mesmo lhe prometestes.

Para receberem a saúde, dizem os evangelistas que a multidão dos que concorriam a Cristo, todos procuravam tocar seu sacratíssimo corpo, do qual saía a virtude que os sarava. Cá também procuram o mesmo; mas porque o aperto e a multidão que contenciosamente se impede lho não permite, de longe veneram o Santo, de longe se encomendam a ele e de longe, ou recebem logo os milagrosos efeitos de sua virtude, ou a levam consigo alegres a suas casas, como primícias e penhores certos dos benefícios, que na ocasião da necessidade nenhuma dúvida lhe hajam de faltar. Mas que muito é que aquela venturosa província e as outras vizinhas e confinantes recebam a felicidade de tão contínuos e certos favores, se as remotíssimas terras da África, da Ásia e desta América, onde apenas há lugar que não tenha levantado templos ou altares a S. Gonçalo, só com a invocação do seu nome, como se nele se tivera sacramentado, pelo efeito

As vestiduras
de Cristo e o
sepulcro de S.
Gonçalo.
Isai. 58

maravilhoso de suas graças de tão longe o experimentam e têm presente! De Deus, dizia o profeta Isaías: *Invocabis, et Dominus exaudiet: clamabis, et dicet. Ecce adsum: invocareis o Senhor, e ele vos ouvirá: chamai-o-heis, e ele dirá: Aqui estou. Aqui estou, diz Deus; e Aqui estou, diz S. Gonçalo, homem enfim no obrar como Deus: Invocabis, et dicet. Ecce adsum.*

E porque alguma vez invocado S. Gonçalo, sucederá que vos não conceda o que pedis e pareça que vos não ouve, sabei decerto que vos enganais; e não quero por prova outro exemplo, senão o do mesmo Deus. Deus diz que peçamos e que receberemos: *Petite et accipietis*; e contudo mostra a experiência que muitas vezes pedimos e não recebemos. Não há de tal, acode Santo Agostinho. Que não recebemos o que pedimos, é verdade, mas que não recebemos, é falso; porque se não recebemos o que pedimos e queremos, recebemos o que deveríamos pedir e querer: *Negat Dminus quod volumus, ut tribuat quod mallemus*. Assim faz também algumas vezes S. Gonçalo; e não fora santo nem amigo, se assim o não fizera. Tão milagroso é quando faz por vós o milagre, porque vos está bem, como quando cessa de o fazer e o suspende, porque vos estaria mal. Vede-o no mesmo Santo.

Deus e S. Gonçalo muitas vezes não dão o que pedimos mas o que deveríamos pedir. Santo Agostinho. *Jean. 16 Aug. Ep. 43 da Paul.*

Já deixamos dito, como para a fábrica da sua ponte abriu duas fontes nas pedras, uma de água, outra de vinho: mas a de água ainda hoje corre e persevera e faz milagres; a de vinho secou-se totalmente. E por que se secou? Porque maiores naufrágios podia padecer aquele povo nesta fonte, do que antes padecia no mesmo rio. O primeiro que espremeu as uvas e inventou o vinho foi Noé; e sendo Noé aquele grande piloto que na maior tempestade do mundo soube governar a primeira nau e levou nela a salvamento o mesmo mundo, gostando depois do mesmo licor que inventara, areou de tal maneira, que não só perdeu a modéstia, mas também o juízo.

Providência de S. Gonçalo a respeito de duas fontes milagrosas que abriu na fábrica de sua ponte.

Vede o que sucederia ao povo do Amaranthe se perseverasse a fonte do vinho? Por isso o Santo, ainda no tempo da sua obra, como notam os historiadores, abria e fechava a mesma fonte três vezes no dia: a primeira vez a horas de almoço; a segunda, a horas de jantar; e a terceira, a horas da ceia. E nestes três tempos o que sucedia? Os oficiais e trabalhadores recebiam cada um por medida a sua ração, a pedra se fechava outra vez, e a fonte não corria; tão provido e vigilante era S. Gonçalo em que seus milagres fossem para proveito e não para dano daqueles por quem os fazia. E esta é a regra por onde haveis de conhecer os milagres e beneficios de vosso Santo, tão agradecidos quando vos negar o que pedirdes, como quando vo-lo conceder; pois vindo por sua mão uma e outra coisa, sempre é para vosso bem.

Prova-se com um caso quão agradável é a Deus a devoção de S. Gonçalo, pois a proferiu à esmola.
Math. 25

Até aqui tenho falado em tudo com os autores da vida e milagres de S. Gonçalo. Por fim quero acabar com um caso, de que eu mesmo fui testemunha. Havia em Lisboa um devoto e confrade do mesmo Santo, o qual todos os anos concorria para a sua festa com vinte e cinco cruzados. Um ano, porém, em que os oficiais eleitos eram ricos, sendo também rica a confraria, entrou ele em pensamento que seria maior serviço de Deus despendere aquele dinheiro com os pobres. Assim o resolveu consigo sem comunicar a outra pessoa, quando na mesma hora lhe sobreveio uma dor interior, que de nenhum modo podia suportar, e chamados à pressa os médicos, resolveram que logo, logo tomasse os sacramentos, porque infalivelmente morria. Que faria, pois, com esta súbita sentença, quem um momento antes estava são e com todas as suas forças? Cuidando em seus pecados, lembrou-lhe o novo propósito que tinha feito; e arrependendo-se daquela que tivera por melhor obra, pediu perdão ao Santo, ratificando com voto que não faltaria jamais à sua antiga devoção se escapasse daquele incidente com vida.

Não eram acabadas estas palavras, quando com segundo repente cessou totalmente a dor; e passando o moribundo das portas da morte à inteira saúde, achando-se tão são como antes, foi por seu pé dar as graças ao Santo, que tão áspero e tão benigno tinha experimentado em dois momentos. Mas quem haverá que se não admire do novo estilo praticado neste caso contra a lei geral da esmola e contra a preferência e privilégio dos pobres, tantas vezes publicado e pregado por boca do mesmo Deus? A esmola que dais aos pobres, diz Cristo, ma dais a mim: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis*. Pois se neste caso concorre S. Gonçalo com os pobres, como ameaça o mesmo Cristo de morte a quem quer dar a esmola aos pobres e não ofertá-la a S. Gonçalo? Basta que iguale Cristo os pobres a si mesmo, e que S. Gonçalo seja preferido aos pobres? Basta que antes quer Cristo que seja festejado S. Gonçalo com maiores aparatos e maiores despesas do que os pobres mais socorridos? Basta que sendo os pobres os substitutos de Cristo, não quer o mesmo Cristo que o sejam de S. Gonçalo? Paremos nesta admiração; que eu emudecido confesso que não tenho mais que dizer. Tão grande é o excesso de favor a que S. Gonçalo subiu lá no céu e nele vive e reina imortal no trono da glória.

VIII. Tenho acabado, ou deixado sem o acabar, o meu discurso. Mas se os sermões de S. Gonçalo todos eram encaminhados à doutrina dos ouvintes e não é lícito faltar à imitação do Santo no seu próprio dia, que doutrina posso eu tirar deste sermão, que seja acomodada aos que me ouvem? Hei de persuadi-los que sejam bons pastores, como S. Gonçalo? Isso pertence aos eclesiásticos. Hei de persuadi-los a que vão em peregrinação do Brasil a Jerusalém? Bastante peregrinos são os que tão longe se desterram da pátria. Hei de persuadi-los a que façam milagres? Basta que sejamos santos sem aspirar à canonização. Que doutrina

Qual o modo de imitar a S. Gonçalo?

será bem logo a que tiremos da vida e obras de S. Gonçalo? A primeira que me ocorria, muito útil, muito necessária, é que o imitássemos em fazer pontes. Coisa é digna de grande admiração, e que mal se poderá crer no mundo que havendo cento e noventa anos que dominamos e povoamos esta terra, e havendo nela tantos rios e passos de dificultosa passagem, nunca houvesse indústria para fazer uma ponte. Que rio, ou que regato há na Europa sem nome, e que lugar de quatro vizinhos, que nas pontes não seja magnífico? Só por elas se conserva em Espanha a memória de que os romanos a dominaram. Porque Anco Marcio fez a ponte Sublicia, da ponte e de a fazer lhe formou Roma a dignidade de pontífice, cujo nome, antes ainda de a mesma Roma ser cristã, se uniu ao sumo pontificado. Tanto honra este gênero de fábricas a seus autores! Pois por certo que nem por pobre, nem por avarenta padece a nossa república esta falta. Eu a attribuo à inércia natural do clima; porque não creio, como cuida o vulgo, que se deve attribuir aos que lhe administram o erário.

Mas qualquer que seja a sua causa, porque o descuido que estranha esta advertência pertence a poucos, seja doutrina e exemplo geral para todos, que ao menos procuremos acabar por onde S. Gonçalo começou. S. Gonçalo, como vimos, sendo menino se mostrou homem na vida e nos costumes; nós sendo na idade homens, na vida e nos costumes somos meninos. Temos a autoridade de velhos e os vícios de meninos; e o pior é que não só se vê em nós a meninice que é defeito da idade, senão as meninices que o são do juízo. A primeira coisa que fez S. Gonçalo foi pôr os olhos em um Cristo crucificado e estender os bracinhos para se abraçar com ele? E isto é o que moços e velhos guardam para o fim da vida. Então vem o crucifixo, então se abraçam com suas chagas, e como é por força e a mais não poder,

Fazendo no resto da nossa vida o que ele fez desde o principio.

muita graça de Deus é necessária para que seja do coração. Quem quer começar bem e acabar bem faça desde já o que quer fazer no fim da vida.

Morreu, enfim, S. Gonçalo entregando a alma nas mãos da Rainha dos anjos, de que foi devotíssimo, e que se achou presente a seu felicíssimo trânsito; e tanto que expirou, se ouviu no ar uma voz que dizia: Ide todos ao enterro do Santo. Concorreram todos e o leito em que acharam defunto o sagrado corpo, foi estar deitado no chão sobre umas palhas. Assim acabou na morte imitando a Cristo nascido no presépio, quem assim desde o nascimento tinha imitado a Cristo morto na cruz. Oh ditoso nascer e ditoso morrer! Oh ditoso começar e ditosíssimo acabar! Este foi o último exemplo que S. Gonçalo deixou ao mundo e com que deixou o mundo que todos também havemos de deixar. E se não o imitamos no nascimento, ao menos comecemos desde este dia seu a o imitar na morte, trazendo sempre diante dos olhos o fim das vaidades do mundo para que por seus merecimentos e intercessão consigamos a vida eterna. Amém.

Como ele
imitou a
Cristo na
morte.

BIBLIOGRAFIA

ALTEMEYER JUNIOR, Fernando. *A Dança de São Gonçalo dentro e fora da igreja*. [s.n.t.].

CARVALHO, Gilmar de. Manoel Torrado do Poço da Onça. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 29 dez. 2003. Caderno 3.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 5.ed. rev. e aum. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

CAVALCANTE, João Barbosa de P.P. *Órfã do agreste*. Sobral: Imprensa Oficial, 2003.

CLÁUDIO, José. Um Outro plano de saúde. *Jornal do romeiro*. São Paulo, out. 1998.

CUNHA, Arlindo de Magalhães Ribeiro da. *S. Gonçalo, história ou lenda?*. Amarante: Amarante magazine, 1995.

DUMONT, Sávia. *O Brasil em festa*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

ELEUTÉRIO, Victor Luís. São Gonçalo: no altar medievo de Amarante. *Correio da Manhã*, Lisboa, 29 de mai, 1994. Suplemento Correio de domingo.

MACEDO, Luís Van Zeler. *Pequena história de Amarante*. 2. ed. Amarante: [s.n.], 1993

TRIGUEIROS, Edilberto. *A Língua e o folclore da bacia do S. Francisco*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1997.

VIEIRA, Antonio, Padre. I sermão de São Roque. In: Honorato, Antonio (Comp.). *O Chrysostomo portuguez*. Lisboa: M. Moreira, 1879. v.3.

____. Sermão de S. Gonçalo. In: Honorato, Antonio (Comp.). *O Chrysostomo portuguez*. Lisboa: M. Moreira, 1879. v.3.

Esta obra foi impressa em 2008

Ano do quarto
centenário de
nascimento do Pe.
Antonio Vieira.

Ano Nacional
Machado de Assis,
em homenagem ao
centenário de morte
do escritor.

Centésimo sexagésimo
aniversário de
nascimento do crítico
literário cearense
Araripe Júnior.

Pernambuco. Outra vez em Lisboa, foi julgado, condenado e encarcerado, mas obteve, pouco depois, a anulação da sentença. Após brilhante missão em Roma (1669-1675), de onde sua fama de orador se espalhou por toda a Europa, retornou à Bahia em 1681. Já era então celebrado como o maior vulto da literatura portuguesa de seu tempo.

Faleceu em Salvador em 1697.

Os 15 volumes de sermões ("Sermões"; 1679-1748), as centenas de cartas ("Cartas"; 1735-1746), a "História do Futuro" (1718), a "Chave dos Profetas" (inacabada), entre outras obras do Pe. Vieira, formam um impressionante testemunho político e literário do espírito barroco que aspirava à unificação de valores medievais com os valores católicos. Com um esmerado tratamento e um aprimorado domínio técnico, Antonio Vieira daria ao idioma português a expressão mais vigorosa de que já se teve notícia.

Fonte:

Enciclopédia Mirador Internacional. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1975. v.20. p.11425-11426.



FUNDAÇÃO
WALDEMAR ALCÂNTARA